**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 12 – TÃO DIFERENTE DE NÓS MESMOS**

**01:01:18:01**

ABERTURA

**01:00:22:13**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:04:08**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:20:16**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Com o tempo eu fui aceitando sem aquele ímpeto drástico da juventude, aceitando a verdade potencial de ambas as posições, isto é, um romance, um poema é uma obra de arte, como tal tem que ser estudada na sua imanência, no seu mundo figurativo, no mundo dos sentimentos que reúne, e ao mesmo tempo é algo que está dentro da história, o autor não está fora da história, por mais, vamos dizer, surreal que queira sua imaginação ele faz parte de uma geração, ele faz parte de um conjunto de ideias, de sentimentos, de valores e é preciso situá-lo também.

**01:02:10:25**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 12: Tão diferente de nós mesmos quanto dos outros**

**01:02:17:15**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Meu pai, tanto meu pai quanto minha mãe são pessoas de origem italiana, minha mãe italiana nata nascida em Salerno que veio com a migração do comecinho do século XX, no caso da minha família eles vieram por conta própria, já na grande crise puderam vir por conta própria, tanto da família materna, quanto paterna. Então, esta migração foi muito diferenciada, havia pessoas muitos que foram trabalhar como colonos no interior do estado de São Paulo, e outros que se alojaram, vamos dizer nas cidades em São Paulo porque tinham profissões urbanas é o caso da família, sobretudo de meu pai., mexiam com relógio, eram alfaiates. Enfim, eles puderam entrar na vida urbana onde faltava, talvez, essa mão de obra mais qualificada. Então, eu cresci numa família, que eu diria modesta, eu diria de pequena classe média, no caso, mas em que meu pai tinha se alfabetizado em uma escola italiana em São Paulo, havia essas escolas ainda naquela época. Então, ele estudou, ele falava um italiano muito bem, perfeito, toscano no caso né, lia Divina Comédia, ele tinha, vamos dizer, uma cultura auto didática embora não fosse um intelectual profissional. Ele era um gravador em ouro, trabalhava ele era um artificie fazia as lombadas dos livros, colocava e ele fazia em ouro às vezes. Então, era uma família que cultivava a leitura, não é, eu acho que isso foi o primeiro empurrão, vamos dizer né, minha mãe já era uma pessoa que não tinha cultura escolar, mas ela lia em italiano. Naquela época existia um jornal só em italiano que ainda se publicava e se vendia em São Paulo nos anos 40. Era um jornal de noticias, mas que tinha nos rodapés ele tinha capítulos de romances, não havia televisão naquela época, então as pessoas para seguir novelas, elas compravam o jornal e liam, era um rodapé assim grande né, cada capitulo sempre terminava: Continua no próximo capitulo. Então, eles faziam com que as pessoas comprassem né. Então, se eu quiser, assim, remontar o mais ao passado, vamos dizer, o mais longínquo eu vejo interesse do meu pai pela literatura, e minha mãe pela ficção, ainda que fosse uma ficção mais popularizada.

**01:05:01:12**

**OFF**

“O problema das origens da nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos das outras literaturas americanas, isto é, a partir da afirmação de um complexo colonial de vida e de pensamento.”

*História Concisa da Literatura Brasileira*

*Alfredo Bosi*

**01:05:29:14**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Meu professor de português, por exemplo, queria que a gente dirigisse uma estatua em homenagem a Olavo Bilac, esse professor de português escrevia na lousa bem grande no meio do caminho tinha uma pedra, e perguntava: “Ta certa essa frase?”, alguns mais sabidinhos diziam: “Não, devia ser havia uma pedra”, “Isso, veja como os poetas modernos não sabem português” ele dizia. E eu, eu lia um pouco de tudo, mas eu não lia os modernos porque esses não estavam na pauta do ensino de português. Então, eu lia muitos clássicos, alias foi um momento muito feliz, eu lia muito Padre Vieira, Bernardes, então, havia toda uma linguagem clássica que eu fui assimilando como criança, como adolescente, sem ainda ter a comparação com os modernos, só quando eu entrei na faculdade de filosofia que ai realmente era um mundo todo moderno. Quando eu fiz o curso de letras, quer dizer, essa fase de colegial, foi uma fase de intensa leitura, não tínhamos recursos para comprar todos os livros, então eu ia frequentemente, pelo menos umas duas vezes por semana, à biblioteca municipal que era o tesouro da nossa leitura. Então, eu ficava horas lendo aqueles livros que escolhia meio ao acaso, mas me familiarizando mais com a literatura clássica e romântica. E como aluno eu era um aluno, vamos dizer, de português meio fanático porque eu gostava até de análise lógica, coisa que os jovens hoje felizmente ignoram porque era uma tortura né, fazer análise das frases, achar a oração principal, subordinada. Eu lia as gramaticas, até hoje eu tenho um certo escrúpulos na colocação dos pronomes, embora estejamos vivendo em uma época de grande informalidade do ponto de vista gramatical, eu me sinto mal de colocar um “se” depois do verbo quando há uma palavra negativa antes, e os parentes, os amigos, os conselheiros diziam: “Não faça isso, porque você vai ser professor? Professor de português? Porque você não faz direito?”, porque o direito estava entre as profissões mais cotadas né, juntamente com engenharia e medicina, mas eu fazia ouvido de mercador, eu dizia eu quero fazer literatura e letras e assim o fiz.

**01:08:07:11**

**Alcides Vilaça – Doutor em Literatura**

Quando eu estava no quarto ano de letras, pronto pra me formar surgiu uma novidade, um professor de italiano chamado Alfredo Bosi que tinha acabado de publicar um livro que não era sobre literatura italiana, era sobre literatura brasileira, era uma historia, historia concisa da literatura brasileira, um livro que eu achei notável quando eu li, ia ser o nosso professor. E no ultimo ano ele começou um curso, uma classe imensa, as primeiras palavras dele, as primeiras frases dele já me deram a certeza de que eu estava diante de alguém especial. Era um professor que dominava profundamente o assunto da literatura, mas absolutamente não tratava apenas de literatura em si, tratava das relações da literatura com historia, o espirito humano com a tradição, com a invenção. Então, entrava sociologia, filosofia, estética, outras literaturas, era um compromisso na verdade com um saber da vida em que a literatura era um ingrediente poderoso, mas não era exclusivo. Ele queria entender o fenômeno literário dentro de um campo de cultura maior.

**01:09:23:11**

**Antonio Dimas – Doutor em Literatura**

Mais do que um critico literário, do que um historiador literato, ele é, sobretudo uma espécie de historiador da cultura brasileira, e ao mesmo tempo em que dispõe de um extraordinário arsenal critico para fazer essa reflexão sobre o Brasil, ele dispões também de uma fala muito mansa e persuasiva. Quer dizer, não se trata, por exemplo, como às vezes é muito comum no meio artístico de marcar a sua presença, através do ataque frontal ou do apequenamento do demais. E eu acho que é esse caráter de ponderação e de docência mesmo, quer dizer de ensinar como é que as coisas se articulam numa voz de preferência mansa.

**01:10:23:15**

**OFF**

O tino de Alfredo Bosi para a crítica literária enche de brio a cadeira doze da ABL. Semelhantes brios já povoavam a cadeira à época de sua fundação. Com a crítica de costumes, Urbano Duarte provou destreza e deixou legado.

**01:10:46:16**

**João Roberto Faria – Doutor em Literatura**

O Urbano Duarte foi um intelectual ligado ao jornalismo no final do século XIX. A importância dele como jornalista ligado a literatura foi grande na época a ponto de ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ele foi um dos primeiros a divulgar entre nós os princípios da estética naturalista, leitor dos romances do Zola, e de obras ligadas ao naturalismo, ele escreveu alguns textos de esclarecimento sobre essa nova estética que chegou ao Brasil em 1878 quando o Eça de Queiroz publicou o “Primo Basílio”, talvez antes alguns tivessem conhecimento do naturalismo e do Zola, mas a própria palavra naturalismo nem era usada no Brasil. Depois ele chegou a escrever algumas peças de teatro que foram encenadas, algumas comédias, mas elas nunca foram publicadas de modo que nós não conseguimos avaliar qual foi exatamente a sua contribuição como autor dramático. No entanto, há pelo menos uma peça escrita por ele e por Artur Azevedo que pode nos dar a medida, digamos assim, da sua qualidade como autor dramático. Eu me refiro a uma peça chamada “O Escravocrata”, é uma peça que foi escrita em 1882 e que tinha como titulo original “A família Salazar”, essa peça fazia parte de todo um esforço de muitos intelectuais brasileiros ligados à campanha abolicionista, e nesses anos a campanha abolicionista foi muito forte e muita gente do meio teatral colaborou com a campanha abolicionista escrevendo peças, subsidiando, digamos assim, espetáculos em benefício da alforria de escravos. O envolvimento das pessoas ligadas ao teatro foi muito grande. Então, essa contribuição do Urbano Duarte, talvez tenha sido a contribuição mais importante.

Urbano Duarte

Fundador da Cadeira 12

Artur Azevedo

Fundador da Cadeira 29

**01:13:10:23**

**OFF**

“- É só o que se vê desde manhã até de noite! Negro, café, chicote, tronco; tronco; café, chicote, negro. Despois que aqui cheguemos, há mais de quinze dias, inda não vi nem ouvi outra coisa! Quem é que pode com esta vida? Despois dizem que eu sou faladeira... Eu só falo quando tenho razão. Se não querem me ouvir, vou pro meio do cafezal, e hei de falar, falar, até não poder mais! Quem é que pode ficar calado quando assunta coisas daquelas!”

*O Escravocrata*

*Urbano Duarte*

**01:13:50:24 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:14:08:27 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:14:17:22**

**OFF**

Urbano Duarte designou como patrono de sua cadeira o também teatrólogo França Júnior. Mais que uma homenagem ao mestre, a escolha realça, na cadeira doze, o traço do humorismo.

**01:14:33:07**

**João Roberto Faria – Doutor em Literatura**

O França Júnior era um comediólogo muito apreciado pelos seus contemporâneos, ele também escreveu cerca de 20 comédias, praticamente todas foram representadas. Ele morreu muito cedo, a carreira dele começa no inicio dos anos 1860, nesses anos de 1860 no inicio o modelo que é hegemônico no teatro brasileiro é o de uma comédia que nós chamamos de comédia realista, ou drama de casaca e que era um tipo de peça marcada pelo teatro francês, por autores como Alexandre Duma Filho e Emilio Doux eram peças que faziam a defesa de uma moral burguesa, de um estilo de vida burguês com valores como o trabalho, o casamento, a família, e essas peças, digamos assim, formaram toda uma geração que mais ou menos entre 1855 e 1865 escreveu para o teatro brasileiro. O França Júnior escreveu uma peça nessa altura chamada “Tipos da atualidade”, em que nós percebemos dois movimentos, quer dizer, há um grupo de personagens que faz a defesa desses valores do casamento, da família, e há um grupo de personagens que são comicamente estilizados. Essa peça ela tem um desequilíbrio porque quando o grupo de personagens sérios está em cena, ela se torna muito séria e discute questões da atualidade, quando estão os outros personagens em cena, ela se torna muito cômica. Então, a gente via ver nessa peça uma tentativa de se adequar a um modelo hegemônico e uma parte que mostra um talento para criação de tipos cômicos. Ele deixa de lado essa ideia de fazer um teatro sentencioso, moralista, e assim por diante, e investe naquilo que ele sabia fazer melhor que é observar a sociedade do seu tempo, buscar o que havia de ridículo nela, e trazer para dentro das suas comédias aqueles tipos estilizados dentro de um enredo cômico.

França Júnior

Patrono da Cadeira 12

**01:17:05:28**

**OFF**

“O novo ministério é recebido com hosanas pelos correligionários, e a ferro e fogo pelos adversários. A cidade volta ao seu estado habitual, e eis aí o que é a política. Tinha razão um amigo meu, sujeito de vistas largas, quando dizia: - Eu pertenço ao partido que tem por partido tirar partido de todos os partidos.”

*Organizações Ministeriais*

*França Júnior*

**01:17:38:01**

**OFF**

Se a Academia Brasileira de Letras tem como proposito congregar notáveis para além de afinidades ideológicas ou literárias, na cadeira doze essa mescla de multiplicidades se concretiza. Alfredo Bosi encontrou na diferença a semelhança com seus antecessores.

Alfredo Bosi

Posse em 2003

**01:18:06:28**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Não é menos justo dizer de cada um deles, o que disse de cada um de nós, o mais agudo dos moralistas franceses La Rochefoucauld, somos às vezes tão diferentes de nós mesmos, quanto dos outros.

**01:18:25:29**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Ora, porque essa frase? Além do seu valor ético e psicológico essa frase de La Rochefoucauld, ela tem interesse no momento em que eu fui eleito para a Academia para grandíssima surpresa de todos os meus colegas da universidade, no sentido em que eles achavam que a Academia era uma coisa rígida, era uma coisa que, de algum modo, engessava as pessoas. E eu nem por sonho, jamais imaginava que um dia, eu que estava tão integrado nesse universo informal da faculdade de filosofia, informal e critico, pra mim foi uma surpresa e é curioso porque eram umas pessoas de esquerda, e uma pessoas católicas, quer dizer, aqueles que achavam que era preciso ter alguém ligado a teologia da libertação, ligado as formas mais progressistas da igreja desejavam a minha presença e por outro lado, havia pessoas, vamos dizer, que representa o grande pensamento se não de esquerda, um pensamento progressista como Celso Furtado e Raymundo Faoro, que foram eleitores que insistiram, que telefonaram pra mim para eu aceitar. Então, na verdade, eu era diferente de mim mesmo, eu aceitando ser acadêmico não era aquela pessoa que anteriormente recusaria essa honraria por diferenças mesmo, de comportamento, diferenças de estilo de vida. Elas se achavam parecidas comigo e eu não me achava parecido comigo mesmo. Quando eu terminei o curso, foi em 60, eu ganhei uma bolsa do governo italiano para estudar em Florença, eu fui como Croceano lá, quer dizer, achava que devia estudar a obra de arte em si né, mas ao mesmo tempo eu cheguei num Brasil que estava numa mutação fervilhante quando eu voltei da Itália, 61, 62, 63. Eu frequentava realmente o ciclo dos dominicanos, eu tinha, vamos dizer um imenso desejo de conhecer o Brasil historicamente. Eu comecei a ler o Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, os grandes mestres. Então, foi uma vida paralela que eu tive. E quando eu me balancei a escrever uma historia concisa, realmente eu tinha dois caminhos que parecem entre si quase incompatíveis, fazer a historia de tudo quanto tivesse sido escrito como literatura mesmo, poesia que era um gênero nobre na época colonial, poesia, entra teatro em parte, e certamente romance e ficção, ou então fazer uma escolha, essa escolha eu entendo que ela deve ser feita, mas ela tem que ser feita, vamos dizer, com muito critério porque se for uma escolha puramente subjetiva e pessoal, você reduz, reduz violentamente.

**01:21:35:17**

**Antonio Dimas – Doutor em Literatura**

Eu acho que a literatura brasileira História Concisa tem essa presença até hoje porque se trata, primeiro de um volume único, quer dizer vai ensinando pra você, vai explicando as coisas com vagar, sem pressa, sem afobação, sem ansiedade, e sem uma espécie assim de recriminação anterior “como você não sabe disso”, entende? Então, eu acho que tem um tom didático, mais um alto tom didático que faz com que o livro acabe envolvendo o leitor, e o leitor se põe a disposição dele mesmo numa atitude de aprendiz de algum assunto, que no caso é a literatura, mas que não é apenas a literatura e ai eu acho importante, é muito mais um processo de formação da cultura brasileira.

**01:22:29:17**

**Alfredo Bosi – Atual ocupante da Cadeira 12**

Teve já 50 edições essa historia, mas quando chegou assim na trigésima edição eu falei: “Olha tá ficando muito antiquado isso”, o Antônio Candido quando saiu o livro foi em casa e falou: ”Ah Alfredo Bosi, o seu livro saiu em 70, o seu livro vai viver pelo menos até o final do século”, mas felizmente ele errou, viveu um pouquinho mais né.

**01:22:55:09**

**OFF**

“Machado teve mão de artista bastante leve para não se perder nos determinismos de raça ou de sangue que presidiriam aos enredos e estofariam as digressões dos naturalistas de estreita observância. Bastava ao criador de Dom Casmurro, como aos moralistas franceses e inglêses que elegeu como leitura de cabeceira, observar com atenção o amor-próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção os labirintos da realidade.”

*História Concisa da Literatura Brasileira*

*Alfredo Bosi*

**01:23:35:04 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 12:

Patrono – França Júnior

Fundador – Urbano Duarte

 Augusto de Lima

 Vitor Viana

 José Carlos de Macedo Soares

 Abgar Renault

 Lucas Moreira Neves

Atual – Alfredo Bosi